

# MEMÓRIAS DA FESTA DE SANTO ANTÔNIO E DA FESTA DO PAU DA BANDEIRA, DE BARBALHA: SOBRE ORIGENS, SENTIDOS, MUDANÇAS E CONSTÂNCIAS<sup>1</sup>

JOSÉ EDVAR COSTA DE ARAÚJO

## Alvorada, Missa e Desfile de Abertura: Festas se Entrelaçam

Madrugada fria em Barbalha.

No patamar da Matriz, o Capitão do Pau e seu ajudante esperam ansiosos pela banda cabaçal para iniciar a alvorada. Autorizam a queima de fogos. Ao estouro dos primeiros rojões, chegam os componentes da banda. Tocam uma marchinha. A animação aumenta quando surge de uma rua lateral a banda de música da cidade, a Filarmônica São José.

Os fogos, as marchinhas, os baiões e dobrados clareiam a praça. A noite iluminada artificialmente vai se tornando manhã de luz. Casas despertam. Portas se entreabrem. A cidade esfrega os olhos, ganha movimento. O céu é vermelho no nascente. Está começando mais uma festa de Santo Antônio. Ou do Pau da Bandeira?

Nove horas da manhã.

A praça da Matriz é só gente, luz e festa: crianças, adultos, homens, mulheres, pobres e abastados. Vendedores se espalham por todos os cantos. Por entre a multidão circulam, ainda mais cheios de cores e alegrias, brincantes de reisados, quadrilhas, lapinhas. Até os severos membros das irmandades de penitentes e as cantadeiras de "incelença" perdem um pouco da gravidade.

Toca a última chamada para a missa. Os organizadores, funcionários da Secretaria da Cultura do Município, correm de um lado para outro, levando os grupos retardatários para o seu "devido lugar" no interior da igreja. Tudo isso em meio a dobrados, frevos, marchas, mateus, palhaços, reis, lutas de espada, gente endomingada, pipoca, café, chapéus, óculos escuros, flashes, filmadoras. Cor,

---

<sup>1</sup> Artigo elaborado com base na dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Maria Nobre Damasceno. A CAPES apoiou o pesquisador através de bolsa.

sabor, som e ritmo. Nos olhos, nos pés e nas bocas. Da gente que faz e da gente que olha.

Com o início da missa, o movimento da praça diminui. O interior do templo está repleto. Em destaque, autoridades municipais, o Capitão do Pau e seus auxiliares. Ao final da cerimônia religiosa, como relata o Capitão do Pau, é exposta “a bandeira, a bandeira que vai ser hasteada, ser benta perante todo mundo.”

A missa termina com a visão da bandeira desfraldada sob aplausos e emoção. A mesma que, ao final da tarde, esperará a chegada do mastro para tremular no alto. Ao som do hino de Santo Antônio, a igreja se esvazia e a praça volta a ser o centro da festa.

### **O Programa Oficial: as Duas Festas se Destacam**

O Programa da Festa do Glorioso Santo Antônio distingue os festejos religiosos e os festejos sociais. A missa da manhã do dia de abertura faz parte dos festejos religiosos. O transporte do pau e o hasteamento da bandeira no final da tarde, parte da festa do padroeiro, estão entre os festejos sociais.

As memórias das origens e da evolução levam a um tempo, remoto, em que era somente a Festa do Padroeiro. Na esteira da complexificação das relações socioeconômicas e do aparato simbólico-cultural, outros componentes vão ganhando espaço e sentido próprios até chegar ao conjunto atual, em que a grande Festa do Padroeiro inclui a Festa do Pau da Bandeira e a parte diversional, com as barracas, parques de diversão e os grandes shows.

### **A Festa do Padroeiro**

Os festejos em homenagem a Santo Antônio confundem-se com o estabelecimento do núcleo conquistador no lugar em que se localiza a cidade de Barbalha, sede do município do mesmo nome. Remonta, pois, ao período da conquista e povoamento do território pelos baianos, sergipanos e pernambucanos do São Francisco, que vieram em busca dos sertões do Ceará e do Piauí.

Afirma o pesquisador da história local, Dr. Marchet Callou, que

[...] em fevereiro de 1717, o Capitão-Mor Manuel da Fonseca Jaime, atendendo pedidos de sesmarias para interessados, autoriza a ocupação de três léguas de comprimento por uma de largura numa pequena área de terra que futuramente iria pertencer ao município de Barbalha. Este fevereiro de 1717 não é o feto nem ainda o embrião, mas o ovo fecundo de uma comunidade. (CALLOU, 1990, p. 10).

O historiador revela que o sesmeiro desta área, Antônio de Sousa Goulart, descobriu ali as cabeceiras de um riacho ao qual deu o nome de Salamanca, tendo instalado às suas margens, com o mesmo nome, uma propriedade composta de “residência, curral e cercado”. Ele funda mais dois sítios, Brito e Lama. Aos poucos aparecem outros núcleos populacionais: Venha Ver, Santana, Barbalha.

As posses vão mudando de donos. O Sítio Lama passa ao domínio da família Figueiredo Adorno. O Sítio Barbalha, cujo primeiro proprietário teria sido o capitão João Mendes Lobato, posteriormente passa ao capitão Francisco Magalhães de Sá Barreto, sergipano de Urubu de Baixo, “pecuarista, e na segunda metade do século, na era do couro, vivia muito bem sob todos os aspectos.”

Outro historiador local, o dr. Napoleão Tavares Neves, trata dos primórdios da devoção religiosa e sua íntima relação com o surgimento e evolução do núcleo urbano:

Todos sabemos que Barbalha foi fundada por Francisco Magalhães Barreto e Sá. Sendo proprietário de uma vasta área de terra nas vizinhanças do Riacho do Ouro, Francisco Magalhães residia mais ou menos onde hoje fica o prédio do benemérito Gabinete de Leitura e suas plantações de cana-de-açúcar se estendiam a partir de onde hoje fica a Praça Engenheiro Dória. Devia ser realmente uma visão paradisíaca, com o Riacho do Ouro perene a trazer para o vale ubertoso os meios d’água que, cascadeantes, desciam das faldas azuladas da Chapada Araripe. (NEVES, 1988, p. 4).

Em estilo que capta a emoção e a poesia do cenário e da saga humana que ali se desenrola, o pesquisador revela

que o capitão Francisco Magalhães sentiu a necessidade de construir uma capela para os ofícios religiosos a serem celebrados para os moradores do seu sítio e das cercanias:

Francisco Magalhães confabulou com sua esposa, Ana Polucena de Abreu e Lima, e decidiram construir a capelinha que daria origem a hoje florescente cidade de Barbalha. Corria o já longínquo ano de 1778. O casal escolheu o topo da colina com ampla visão sobre o vale do Salamanca para localização daquela capelinha, onde hoje fica o altar-mor da matriz de Santo Antônio. (NEVES, 1988, p. 4).

A decisão desdobra-se em outros eventos: requerimento para a construção da capela em louvor a Santo Antônio, em março de 1778; concessão da licença, pelo visitador Manoel Antônio da Roxa, em visita, no dia 5 do referido mês; confirmação da licença pelo Bispo de Pernambuco, Dom Frei Diogo de Jesus Jardim, em junho de 1778; bênção da capela, pelo Pe. André da Silva Brandão, vigário da Missão Velha, em 23 de dezembro de 1790.

Estes relatos vinculam o surgimento da Festa do Padroeiro ao poder estabelecido no processo de conquista do território e de seus habitantes. A escolha de Santo Antônio deve-se às origens do homem que encarnava este poder: homenageava o padroeiro do lugar de origem do capitão Francisco Magalhães.

### **A Festa do Pau da Bandeira**

A Festa do Pau da Bandeira não tem a mesma antiguidade nem a mesma origem da festa do padroeiro. Os relatos sobre ela baseiam-se mais na memória e na imaginação, possibilitando outros tipos de representação mítica e a diversidade de interpretações.

Napoleão Tavares Neves identifica o costume de hastear bandeiras e o uso de mastros com a presença, na região, do Pe. Ibiapina:

Eu acredito, através de pesquisas, que o costume de levantar o mastro do Pau da Bandeira deve ter nascido com o Pe. Ibiapina. Ele, por volta de 1860, esteve aqui

naquelas missões itinerantes que ele fazia... porque ele estimulava que se colocasse na frente das igrejas, das capelas e até das casas da zona rural, onde estivesse tendo qualquer serviço religioso, um mastro com a bandeira do santo padroeiro. Eu robusteci essa crença, depois de ter lido ultimamente a história da paróquia de Serra Talhada do pesquisador Luís Conrado de Lorena e Sá, que esse costume do Pau da Bandeira deve ter nascido com ele. (Entrevista em 1991)

O ex-prefeito de Barbalha Fabriano Sampaio afirma que em 1973 consultou algumas pessoas das mais idosas na cidade – entre elas o sr. Argemiro Sampaio, então com quase 90 anos e senhor José Araújo, pouco mais idoso – a respeito do surgimento da festa do pau da bandeira. Na ocasião os dois asseguraram que aquele “era um ato religioso que vinha se repetindo já há mais de 100 anos pelo menos”.

Os horizontes temporais das duas fontes se aproximam.

Mas o cortejo é integrado à programação oficial somente em 1928, quando o Pe. José Correia resolve “modificar os festejos ao padroeiro, incluindo a parte folclórica, a fim de que houvesse uma participação mais ativa da comunidade.” (Prefeitura Municipal de Barbalha, 1991, p. 3).

Já a “memória social” é menos precisa e chega a ligar a origem da festa a motivos como o contrato entre os devotos e o Santo, como mostram declarações registradas em 1990 durante o percurso do cortejo. O carregador Juarez Davi afirma: “o Pau da Bandeira vem antes do meu tempo. O padre que me batizou foi o Pe. Zé Correia. Ele já era entusiasmado com o Pau da Bandeira.” Em seguida reconhece que não sabe dizer da origem: “sei lá nem dizer como é que era o festejo”. Outro carregador confirma: “a história é longa. Tem mais de 60 anos. Eu só tenho 39 anos e não sei contar”. Um terceiro diz que “essa história nasceu de uma promessa que foi feita”. Outro, de modo mais impreciso, reconhece que “é uma festa tradicional já há vários anos”.

### **As Festas e a Sociedade: Fases e Transformações**

Os depoimentos sobre as origens e as transformações ocorridas mostram um jogo de mútua influência entre as dinâmicas amplas da sociedade de Barbalha e suas fes-

tas. Olhando as duas como eventos diversos porém entrelaçados, com permanências e mudanças, distinguem-se fases que representam mais processos que tempos.

a) Origem do lugar e da festa do padroeiro

De 1770 – ano em que o capitão Francisco Magalhães requer a licença para a construção da capela – até a segunda metade do Século XIX. É o período da colonização do território. Para os colonizadores trata-se da saga da conquista e da instalação de um novo poder e uma nova ordem. Para os conquistados, é o tempo da resistência, que tanto significa esmagamento total como sobrevivência física e cultural, submetida ao novo poder. Nesta fase a festa do padroeiro está ligada diretamente à figura do fundador da povoação. A capela, dedicada a Santo Antônio, é o símbolo da relação do seu poder com o poder divino; representa a linha de sucessão com referência aos seus antepassados e ao lugar de onde se originou seu poder; foi construída por ele, encravada no alto da colina, dominando a natureza exuberante, casas, animais e gente em redor.

b) Surgimento do costume de hastear a bandeira nos locais de devoção.

Esta fase inicia-se por volta de 1860, com a presença do Pe. Ibiapina na região. Corresponde à disseminação, com o apoio de membros da Igreja Católica, de práticas religiosas ligadas ao chamado catolicismo popular. No período, ocorrem dois significativos fenômenos na região: as formidáveis lutas entre os coronéis oligarcas, movimentando exércitos particulares para derrubar os inimigos e instalar correligionários no poder (MACEDO, 1990). E a polarização do embate entre as formas de manifestações da religiosidade popular e os esforços de romanização por parte das autoridades eclesiásticas, cujo ponto alto serão as ocorrências de Juazeiro do Norte, em torno do Pe. Cícero (DELLA CAVA, 1976).

c) Inclusão da Festa do Pau da Bandeira no programa da festa religiosa oficial.

Em 1928 o Pe. José Correia coloca o transporte do mastro na programação oficial da Igreja. Possivelmente o transporte do pau da bandeira tornara-se então festa do estrato subalterno, existindo em

paralelismo com a festa unificadora, do estrato dirigente. A atitude do vigário de incluí-la nas manifestações religiosas sob seu controle, justificada como a busca “de uma participação mais ativa da comunidade em relação aos festejos”, pode significar que a festa estava bastante fora do controle e dos valores dos segmentos dominantes. No entanto a recuperação institucional não a colocou no quadro dos ritos do catolicismo oficial e sim como “folclore”, com espaço e significação próprios, embora subordinada e reconhecida pelo poder religioso.

- d) Incorporação da Festa do Pau da Bandeira ao calendário turístico do município.

Em 1973, em um contexto de desorganização da economia tradicional do município – baseada em grande parte na fabricação de rapadura para consumo dos sertões nordestinos – e de busca de alternativas capazes de revigorar as atividades socioeconômicas, o prefeito Fabriano Sampaio resolve dinamizar a “vocação turística” do município. Entre outras medidas, incentiva a produção e mostra do artesanato, das comidas t picas e do folclore por ocasião da Festa do Padroeiro, visando atrair visitantes. A Festa do Pau da Bandeira começa a transformar-se em um grande espetáculo para o público. O poder público municipal assume cada vez mais a função de coordenar, animar e dar suporte para que o investimento se consolide como espetáculo “folclórico” para ser consumido por visitantes da região.

### **Memórias: Mudanç as e Const ncias**

Os depoimentos sobre as festas inevitavelmente tocam na comparação entre diferentes épocas. Mostram que muita coisa mudou, quanto às formas e aos significados. Em que aspectos houve mudanç as? Que sentido tiveram estas mudanç as. O que há de permanente no interior delas?

O “crescimento” das duas festas é um fen meno apontado praticamente em todos os depoimentos. Testemunha um observador que há 32 anos acompanha os acontecimentos:

A festa hoje tem um caráter regional. Essa coisa começou a tomar essa feição mais regional, eu tenho im-

pressão que foi depois da vinda das televisões, filmando a festa, saindo no Jornal Nacional, saindo em revistas, na imprensa de Fortaleza. Sei que tudo isso tem aumentado de 75 prá cá. (NEVES, entrevista em 1991).

O crescimento dos últimos 30 anos está ligado ao desenvolvimento do seu potencial turístico. O dr. Fabriano Sampaio, prefeito do município no período de 1973 a 1976, e unanimemente apontado como o iniciador das grandes mudanças, revela que diante da situação de crise tinha a preocupação em identificar a “vocação” da cidade. Ele via e vê o município como potencialmente turístico, em virtude das fontes balneárias, dos prédios históricos e do clima agradável. Com base nessa análise, ele iniciou a construção do Balneário do Caldas, fez contatos com o Patrimônio Histórico para tombamento de prédios históricos e investiu na transformação da festa:

Com relação ao turismo, ainda posso dizer que fiz um trabalho muito grande para a Festa de Santo Antônio. Até o ano de 72, ela se resumiu ao transporte do Pau da Bandeira pelo grupo de devotos, os três leilões em frente à igreja e a procissão.

O trabalho para incluir a Festa de Santo Antônio neste esforço de aproveitamento da vocação turística significou a mobilização da sociedade. Recorda a prof<sup>ª</sup> Celene Queiroz, em entrevista de 1991, que um levantamento foi feito através das escolas: “A gente tinha a barraca, a gente tinha o carrossel, a gente tinha a novena e não tinha essa parte mais folclórica.”

Alguns depoimentos, nos quais se sente em certo momento suspiros de saudade, trazem lembranças de um período anterior, em que a afetividade dos pequenos grupos locais ainda se sobrepunha ao gigantismo do espetáculo atual. Granjeiro (1991) relembra que

a Festa de Santo Antônio, antigamente, era festa em frente à igreja. Tinha umas barracas de palha. A barraca era feita pela igreja mesma, só para vender galinha, pastel... a bebida da festa era vendida pela própria igreja, lá no salão paroquial [...]

As lembranças são de uma festa íntima, quase familiar, quando seus participantes ainda não detectavam a festa maior que estava nascendo ao redor:



Esses leilões aconteciam lá vizinho à igreja, por sinal com muito romantismo. Porque era totalmente desligado. Aquela parte do parque (de diversões) era aqui na estação (Praça Engenheiro Dória). E essa parte do leilão era lá, vizinho à igreja. Era muito bom, ficava totalmente separada essa parte. (Socorro Neves, entrevista em 1991).

A passagem da festa local para o espetáculo turístico é percebida como algo de irreversível, pois “cada ano que passa a gente sente a dimensão folclórica do evento vai se robustecendo”, conforme observa o dr. Napoleão Tavares, apresentando como prova a própria inauguração, em 1991, do novo local do “Teatro da Festa”. A partir daquele ano todos os equipamentos de diversão e as apresentações de artistas saíram da praça Engenheiro Dória, já pequena para o evento, indo para os sete hectares do Parque da Cidade.

A dimensão econômica é um elemento constante nas diferentes fases desta expressão da sociedade barbalhense, mostrando mesmo uma tendência de aprofundamento de 1973 em diante. Antigamente estava restrita à arrecadação de recursos para a igreja através de leilões e barracas; sempre foi considerada como fator de movimentação do comércio e de criação e oportunidades de ganho para a população; atualmente é objeto da estratégia de planejamento empresarial.

O ex-prefeito Fabriano Sampaio traduz a expectativa da visão empresarial e empreendedora sobre a festa:

Ela tem que dar um sentido mais econômico à parte social dela. Ela tem um sentido econômico, mas precisa dinamizar-se e evoluir, adicionar alguma coisa de sentido especificamente econômico, que estimule o comércio, a indústria, o folclore, o artesanato. A festa está precisando atuar nesses setores com outra visão, diferente do que estava fazendo até hoje. (Entrevista em 1991).

O interesse nos aspectos econômicos não se restringe aos empresários com seu poder de tomar decisões e dar direção. Os que somente dispõem de seu trabalho e que têm na festa uma oportunidade de aumentar a renda, quando não é o caso mesmo de ter alguma renda, também sa-

bem das oportunidades criadas pelas transformações na economia da festa:

O senhor chega com aquela barraca, o senhor vai botar sua barraca. O chapeado ganha prá lhe ajudar a armar, o ajudante ganha prá lhe ajudar a vender no seu comércio, o chapeado volta a ganhar dinheiro com o seu transporte de volta. De todo jeito aumenta. (José Custódio, entrevista em 1991)

Outra modificação percebida é o crescimento da influência do poder público municipal na organização da festa. Alguns depoimentos citam a escolha do Capitão do Pau da Bandeira como exemplo; embora feita no âmbito das tarefas da Igreja, passa por negociações com a Prefeitura, demonstrando o aumento da influência do poder municipal. A participação que, em outros tempos era somente uma ajuda, passa a ser cada vez mais um investimento sob o controle político e administrativo de quem está à frente do poder municipal. José Custódio (1991) refere-se ao papel da prefeitura dizendo: “É quem cuida de tudo. Mesmo na Igreja, muitas coisas são mandadas por ela. Influi, porque entra com despesas, com certas decisões”.

O sentimento de pertencimento a uma comunidade está presente em todas as fases das festas, como fator que cimenta as possíveis fissuras do tecido social. Estes sentimentos, como expressão individual ou como expressão coletiva, reforçam a expectativa de fazer parte de uma fraternidade que consegue se colocar acima das desigualdades socioeconômicas e das segregações delas decorrentes.

Não há dúvida de que estes sentimentos do pertencimento são ambíguos e ocultam as tensões. A ambigüidade está presente na própria formulação, pois as palavras revelam que o sentimento de inclusão sabe-se provisório, suspenso do cotidiano; sabe-se limitado pela dureza do real. Todas estas ambigüidades e relatividades aparecem na interpretação que as falas, sistematizadas ou não, fazem do significado da festa.

O dr. Napoleão Neves, distinguido médico da cidade, estudioso da história e da cultura, afirma em entrevista (1991): “Eu acho a festa muito bonita sobretudo porque é

uma festa regional, é uma festa folclórica, é uma festa popular em que realmente o povo toma partido.”

Para José Custódio, o prestigiado mecânico de motores e figura importante da festa religiosa, co-responsável pelo hasteamento da bandeira e pela procissão final da Festa de Santo Antônio,

Aquilo é um conforto geral para a cidade e o povo. Porque todo mundo se sente bem trabalhando naquela festa, ajudando a organizar aquela festa. Quem pode gastar dinheiro se sente bem. Quem não pode gastar dinheiro vai somente para olhar as diversões e a parte religiosa. (Entrevista em 1991).

O ex-prefeito Fabriano Sampaio, empresário e referência da camada dirigente, confirma (1991) que “ela realmente tem significado religioso e um significado econômico. O religioso eu acho que é a mola propulsora...é realmente uma festa da comunidade”.

Maria do Socorro Neves (1991), figura representativa dos setores socialmente mais refinados e uma das organizadoras da parte religiosa, afirma que “a procissão do Pau que é uma coisa linda porque a gente vê aquela confraternização; aquelas pessoas que carregam o Pau não é só gente simples, são pessoas formadas. E a gente vê aquela mistura que mexe muito, né?”

A estes depoimentos de pessoas socialmente diversas, com diferentes laços e inserções na organização da festa, pontos de vista e interesses singulares, se acrescentam as vozes gritadas em pleno cortejo:

Essa festa é um dos momentos mais glorificados, digamos assim, da cidade de Barbalha. Porque eles só tem esse contexto de passar o ano inteiro, brincar e pegar essa simples matéria e levar até o mastro principal da cidade. Mexe com o fator psicológico de cada um. (Carregador anônimo, em 1990).

É só o que tem na Barbalha é o dia da Festa do Pau. (Carregador anônimo, em 1990).

Se eu não vim ao Pau de Santo Antônio sou um homem imbecil, eu sou um imbecil se eu não vim. Eu tenho prazer. (José da Costa Veloso, o Pavão, em 1990)

Pra mim é uma emoção muito gratificativa porque eu me encontro com todo mundo, eu abraço todo mundo, todo mundo me conhece, e eu acho que eu me entrego de corpo e alma. Isso prá mim é demais. Eu fico chorando com um negócio desse. (Apreciadora do cortejo, em 1990).

Mesmo assim, sem ser capitão, eu continuo carregando o Pau da Bandeira. Não participei da escolha do Pau porque não fui convidado. Mas pra conduzir o pau, fazer o cortejo do Pau, não precisa ser convidado. Então a gente vai lá. (Ex-Capitão, em 1990)

As diferentes falas trazem os indícios da força que a festa tem e os valores que ela representa para os mais diversos barbalhenses. Aparecem aí sentimentos de prazer e de emoção, pela confraternização possível ou pela participação que não depende de convites e de seleção antecipadas.

A incursão ao território do imaginário sobre o sentido das festas para a população barbalhense revela visões cheias de imaginação, de invenção e de poesia, como demonstra a fala de dona Raimunda Pereira dos Santos, na qual os dois momentos, a Festa do Pau da Bandeira e a procissão final da Festa de Santo Antonio aparecem entrelaçados num só evento:

Quando o Pau da Bandeira de Santo Antônio vem chegando aí nas proximidades da Bela Vista já é um encanto maior do mundo. É os avião rodando por cima, tudo assistindo por cima o Pau da Bandeira de Santo Antônio, a coisa mais linda do mundo. Aí quando Santo Antônio vai saindo aqui da casa de Marciano, todos os anos ele sai daí, aí é a coisa mais linda do mundo. É os avião por cima, é o pessoal soltando fogos de todo jeito, é num sei quantos zabumba, banda cabaçal aí é musga acompanhando, o jumento com a carroça e a casinha de cachaça, é a coisa mais linda do mundo. Todo mundo com as latinha de cachaça na mão, tomando. É na procissão do Pau. (Entrevista em 1991).

## Referencias Bibliográficas

CALLOU, Antonio Marchet. Algo sobre a história de Barbalha. *Tribuna do Ceará*. Suplemento Barbalha 144 anos, Fortaleza, 17ago.1990.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joaseiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MACEDO, Joaryvar. *Império do Bacamarte: uma abordagem sobre o coronelismo no Cariri cearense*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1990.

NEVES, Napoleão Tavares. *Pequena história da paróquia de Santo Antônio de Barbalha*. Barbalha: [s.n.], 1988.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA. Nova Barbalha. *Órgão de divulgação da Prefeitura Municipal de Barbalha*. Ano II, nº 03, Junho de 1991.

### Entrevistas Citadas

Antônio Marchet Callou/1991

Celene Queiroz/1991

Darcílio Grangeiro/1991

Fabriano Sampaio/1991

José da Costa Veloso, o Pavão/1991

José Custódio/1991

Maria do Socorro Neves/1991

Napoleão Tavares Neves/1991

Raimunda Pereira dos Santos/1991

Tadeu Custódio/1990